

# Perfil de saúde sexual e a prevalência de infecções transmissíveis em estudantes universitários: Estudo Seccional

Sexual health profile and prevalence of communicable diseases in university students: a sectional study

Bruna da Costa Bueno<sup>1</sup>, Daiana Kloh Khalaf<sup>2</sup>, Celini Medina Vicenço da Silva<sup>3</sup>, Rafaela Gessner Lourenço<sup>4</sup>, Márcia Helena de Souza Freire<sup>5</sup>, Andrea Moreira Arrué<sup>6</sup>

1. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6015-3285>. Enfermeira. Graduação em Enfermagem. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: [bruna.costa.bueno@ufpr.br](mailto:bruna.costa.bueno@ufpr.br)

2. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5770-7523>. Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil. E-mail: [daianakloh@ufpr.br](mailto:daianakloh@ufpr.br)

3. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5831-8033>. Graduanda em Enfermagem. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil. E-mail: [celini.medina@ufpr.br](mailto:celini.medina@ufpr.br)

4. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3855-0003>. Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil. E-mail: [rafaelagesner@ufpr.br](mailto:rafaelagesner@ufpr.br)

5. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3941-3673>. Doutora em Enfermagem. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil. E-mail: [marciahelenafreire@gmail.com](mailto:marciahelenafreire@gmail.com)

6. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5391-324X>. Enfermeira. Doutora em Epidemiologia em Saúde Pública. Instituto Federal do Paraná (IFPR), Palmas, Paraná, Brasil. E-mail: [andrea.ensp@gmail.com](mailto:andrea.ensp@gmail.com)

**CONTATO:** Bruna da Costa Bueno | Endereço: Rua Rio Trombetas, Pinhais, Paraná, CEP 83322-280 | Telefone: (41) 9.8488-0631 | E-mail: [bueno.brunacosta@gmail.com](mailto:bueno.brunacosta@gmail.com)

## RESUMO

As doenças que afetam os jovens refletem a organização social e os determinantes sócio-epidemiológicos, dentre elas as doenças transmissíveis, são consideradas um marco para mensurar a qualidade de vida, uma vez que refletem diretamente a educação e as condições de saúde de uma população.

Este estudo objetiva descrever o perfil de saúde sexual e a prevalência de infecções sexualmente transmissíveis na população de estudantes de uma universidade pública. Pesquisa seccional, exploratória, de abordagem quantitativa, de maio a agosto de 2021. Participaram 144 universitários, com predomínio do gênero feminino (78,5%), na faixa etária de 18 a 22 anos (45,8%) e raça branca (81,3%). Os resultados sinalizam a necessidade de aprofundamento da temática no contexto universitário, bem como apontam a relevância das ações de prevenção combinada, reafirmando serem prementes as ações de promoção da saúde junto à população de jovens universitários.

**DESCRITORES:** Doenças Transmissíveis. Promoção da Saúde. Integralidade em Saúde. Saúde Coletiva.

#### **ABSTRACT**

The diseases which affect young people reflect the social organization and socio-epidemiological determinants, among them communicable diseases, are considered a milestone to measure the quality of life, since they directly reflect the education and health conditions of a population. This study aims to describe the sexual health profile and communicable diseases in the population of students at a public university in Paraná, Brazil. This is a cross-sectional, exploratory research, with a quantitative approach, from May to August 2021. A number of 144 university students participated in this study, predominantly females (78.5%), aged between 18 and 22 years (45.8%) and Caucasian (81.3%). The results indicate there is a need to deepen this theme in the university context, as well as point to the relevance of combined prevention actions, reaffirming that health promotion actions are urgent for the population of young university students.

**DESCRIPTORS:** Communicable Diseases. Health Promotion. Integrality in Health. Public Health.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.

## INTRODUÇÃO

**A** saúde sexual e o estudo das doenças transmissíveis são considerados entre os mais complexos problemas de saúde pública mundial e são temas recorrentes de pesquisas e debates na esfera da saúde. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), diariamente mais de um milhão de pessoas na faixa etária de 15 a 49 anos adquirem Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs)<sup>1</sup>. Em âmbito nacional, se tem a estimativa de que 0,6% da população com 18 anos ou mais (aproximadamente um milhão de pessoas) teve diagnóstico de IST nos 12 meses anteriores à pesquisa inédita realizada pela Pesquisa Nacional de Saúde<sup>2</sup> (PNS) em 2019. Não obstante a faixa etária ser predominante na população jovem, ainda não se tem dados quanto à prevalência dessas infecções e os conhecimentos sobre a saúde sexual quando relacionado à população universitária, de maneira que se julga necessário avaliar os casos nesta população<sup>3</sup>.

Ao conceber um público alvo, é importante relacionar contextos em comum, tais como comportamento, idade e ambientes de convívio. Também se faz necessário entender que esse ambiente educacional provoca mudanças nos hábitos de vida dos acadêmicos, influenciando diretamente no processo saúde-doença. Esta realidade é observada em todos os cursos de nível superior e, em algumas situações, intensificada devido a mudança nas estruturas de estudo, sentidas principalmente nos períodos iniciais, na intensidade da carga horária e outras peculiaridades<sup>3,4</sup>.

No ambiente universitário, o comportamento desses jovens é moldado, frequentemente, com base no que lhes é apresentado na adolescência durante o ensino médio, em que existe a euforia de passar por novas experiências. Tais condutas são características do processo de amadurecimento, bem como das mudanças sociais, culturais, biológicas e psicológicas. Dessa maneira, infere-se que,

no contexto atual, a população jovem adulta é grupo de risco para contração de ISTs<sup>3,4,5</sup>.

A justificativa para a abordagem de saúde sexual e ISTs no ambiente acadêmico baseia-se no reconhecimento da universidade como um ambiente que provoca uma reorganização na vida dos estudantes e, em vista disso, esse ambiente deve promover a saúde. Considera-se que a saúde é determinada pelas circunstâncias ambientais, econômicas, sociais, organizacionais e culturais das pessoas, tendo influência direta na qualidade de vida do universitário que reconhece a universidade como parte de seu contexto<sup>6</sup>.

Diante do exposto, conhecer a situação de saúde da população universitária é o primeiro passo para planejar ações e programas que reduzam a ocorrência e a gravidade dessas doenças, melhorando a a saúde e, possivelmente, o sucesso dos estudantes no processo ensino-aprendizagem. Dessa forma, o presente estudo tem por objetivo descrever o perfil de saúde sexual e a prevalência de infecções sexualmente transmissíveis na população de estudantes de uma universidade pública.

## **MÉTODO**

Trata-se de uma pesquisa seccional, do tipo exploratória, com abordagem quantitativa. A população incluída na pesquisa foi composta por estudantes regularmente matriculados nos cursos de graduação de uma universidade pública do Sul do país, com idade igual ou superior a 18 anos, sendo excluídos da pesquisa os estudantes afastados das atividades acadêmicas, em licença de qualquer natureza, e estudantes de modalidades de pós-graduação, totalizando 144 participantes.

O presente artigo utilizou as recomendações segundo a diretriz *Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology* (STROBE), para organizar e descrever as informações que norteiam a construção do estudo. Tem-se que os itens que constituem o STROBE são relacionados a informações que devem estar

presentes no título, resumo, introdução, metodologia, resultados e discussão de artigos científicos que descrevem estudos observacionais<sup>7</sup>.

Inicialmente para o cálculo amostral foi considerado o total de estudantes dos setores de Ciências Exatas e de Saúde, de forma intencional, pois não são todos os Centros Acadêmicos (CA) que possuem mídias sociais. No momento da pesquisa, o número de alunos de graduação matriculados nos setores de Ciências da Saúde e Exatas era de 4.778, sendo 2.243 da área da saúde e 2.535 da área de exatas. Para o cálculo do tamanho amostral o Índice de Confiança adotado foi de 95% (IC=95%), o nível de significância de 5% ( $\alpha=0,05$ ) e erro amostral de cinco pontos percentuais, com acréscimo para perdas e recusas de 10%, obtendo-se um tamanho amostral de 392 graduandos.

Ao se perceber a dificuldade de aumentar a amostra, foi estipulada uma meta de alcançar ao menos 250 respostas. Para tanto, a pesquisa foi divulgada novamente por meio do contato com os CA, representantes de turma e redes sociais. Porém, em ocasião da pandemia da Covid-19, mesmo com intensa divulgação nos meios sociais, a devolutiva obtida foi de 144 respostas, as quais foram analisadas neste artigo.

A coleta de dados foi realizada com anuência dos participantes por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) digital em um questionário via *Google Forms*, idealizado especificamente para a obtenção de dados sobre as características socioeconômicas, culturais, comportamentais e sobre a situação de saúde dos estudantes.

A divulgação e coleta simultânea dos dados ocorreram de forma virtual, pelas redes sociais do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão (NEPES) e pelos CA dos setores de Ciências Exatas e da Saúde, no período de junho a agosto de 2021. Anteriormente à coleta de dados, foi realizado um piloto do questionário (n=10) que permitiu avaliar, testar e definir a clareza do instrumento de coleta e as modificações necessárias para a sua disponibilidade, cujos dados não foram utilizados na pesquisa.

As variáveis analisadas foram: aspectos sociais (gênero, faixa etária, cor/raça, estado civil e renda familiar); doenças transmissíveis (histórico de infecções e medidas

de tratamentos); e saúde sexual e reprodutiva (orientação sexual, uso de métodos contraceptivos e de prevenção contra ISTs, parceiros e educação em saúde sexual).

Os dados foram tabulados em planilha do programa *Microsoft Excel* e analisadas no programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 20.0. Na estatística descritiva, os dados foram descritos em frequências absolutas (n) e relativas (%). Destaca-se que o instrumento de coleta possuía questões opcionais e obrigatórias e, dessa forma, em determinadas respostas a frequência refere-se ao quantitativo de estudantes que responderam a questão, não necessariamente ao total de respondentes do questionário.

Este estudo obteve parecer positivo do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos sob o nº 44120821.8.0000.0102, sendo preservados todos os aspectos éticos de acordo com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

## **RESULTADOS**

Na análise dos dados, identificaram-se três blocos de variáveis referentes à caracterização dos participantes e à identificação das necessidades de promoção à saúde dentro do ambiente universitário: perfil dos estudantes; infecções sexualmente transmissíveis; métodos contraceptivos e educação sexual. Os blocos de informações serão desenvolvidos na sequência.

### ***Perfil dos estudantes***

Foram analisados 144 questionários, dos quais, conforme se observa na Tabela 1, grande parte dos estudantes se identificam com o gênero feminino, solteiros, na faixa etária de 18 a 27 anos.

Com relação à autodeclaração de cor, do total de respostas analisadas, obteve-se maior correspondência de declaração de cor branca, seguida de pardos, pretos, amarelos e indígenas, respectivamente.

**Tabela 1.** Estudantes universitários participantes da pesquisa segundo caracterização demográfica e social (n=144). Brasil, 2021

CARACTERÍSTICAS	N	%
TOTAL	144	100
<b>GÊNERO</b>		
Feminino	113	78,5
Masculino	29	20,1
Prefere não opinar	2	1,4
<b>IDADE</b>		
18 a 22 anos	66	45,8
23 a 27 anos	52	36,1
28 a 32 anos	8	5,6
33 a 37 anos	3	2,1
38 a 42 anos	7	4,9
43 a 47 anos	2	1,4
48 a 50 anos	2	1,4
mais de 50 anos	4	2,8
<b>COR</b>		
Branca	117	81,3
Parda	16	11,1
Preto	5	3,5
Amarelo	5	3,5
Indígena	1	0,7
<b>ESTADO CIVIL</b>		
Solteiro(a)	120	83,3
Casado(a)/União estável	21	14,6
Divorciado(a)	2	1,4
Viúvo(a)	1	0,7

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

Para este estudo em específico, foi considerado o rendimento domiciliar, isto é, a soma de todos os rendimentos do domicílio dividido pelo número de pessoas residentes neste domicílio. Ao analisarmos a renda familiar dos universitários, tem-se que 4,2% (6) da população analisada vivem com menos de R\$1.100,00 por mês, enquanto 35,4% (51) se concentram em renda familiar entre R\$4.180,01 a R\$10.450,00; e a menor parcela desta população 2,1% (3) vivem com renda familiar acima de R\$20.900,01.

### ***Infecções sexualmente transmissíveis***

Iniciando-se com o histórico de IST dos estudantes, 92,4% (133) informaram não possuir histórico, enquanto 4,2% (6) sinalizaram ter contraído e finalizado o tratamento recomendado, 2,8% (4) não possuem conhecimento e 0,7% (1) assinalaram que possuem histórico, porém não realizaram o tratamento aconselhado.

Ao serem questionados sobre a infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), 97,9% (141) afirmaram não apresentar a infecção, enquanto 2,1% (3) não souberam informar.

Quanto à infecção por Sífilis, 97,9% (141) expressaram que não tiveram, 1,4% (2) não souberam informar e 0,7% (1) sinalizou que apresentou a infecção e submeteu-se integralmente ao tratamento recomendado.

Com relação às infecções por Hepatites, 95,8% (138) dos estudantes afirmaram não ter tido ou estar com esta infecção, 2,8% (4) não souberam afirmar se possuem/possuíram e 1,4% (2) disseram que tiveram hepatite na infância, sendo que apenas um participante especificou ser do tipo Hepatite B.

### ***Métodos contraceptivos e educação sexual***

Quanto à orientação sexual dos estudantes, tem-se que 77,1% (112) destes se declararam heterossexuais, 18,8% (27) bissexuais, 2,8% (4) homossexuais e 1,4% (2)

pansexuais. No que concerne ao início das atividades sexuais, 45,1% (65) iniciaram a partir dos 18 anos, 25,7% (39) iniciaram a partir dos 15 anos, 19,4% (28) não iniciaram atividades sexuais até o momento do questionário e 9,7% (14) iniciaram com menos de 15 anos.

A respeito ao uso de preservativos durante a relação, 52,1% estudantes (63) declararam que usam preservativos na relação sexual, 33,1% (40), o utilizam ocasionalmente, 13,2% (16) em nenhum momento e 1,7% (2), declaram não terem refletido sobre o seu uso.

Quanto aos métodos para evitar ISTs e gravidez, tem-se que 76% (109) fazem uso de preservativos, 13,2% (19) não utilizam nenhum método, 4,1% (6) de anticoncepcional, 2,5% (4) utilizam o Dispositivo intrauterino (DIU), 1,7% (2) refere ter um parceiro fixo que realiza exames periodicamente e, 0,8% (1) utiliza o método de controle por tabelinha.

Quando questionados sobre outros métodos que utilizam, foram citados por 60% (24) o uso de anticoncepcional, 15% (6) DIU, 5% (2) DIU Mirena, 5% (2) coito interrompido, 5% (2) preservativo, 5% (2) tabelinha, 2,5% (1) análise de muco cervical e 2,5% (1) parceiro fixo com exame periódico.

No que diz respeito aos parceiros, 59% (85) referem ter parceiro fixo, 34% (49) não possuem parceiro e 6,9% (10) assinalaram parceiro eventual. Destes que referem possuir parceiros(as) fixos, 88,8% (87) referem-se a um parceiro, 7,1% (7) a dois parceiros, 2% (2) a três parceiros e 2% (2) a mais do que quatro parceiros.

Em relação à importância de se conhecer e discutir métodos de prevenção de gravidez e ISTs, 88,2% (127) estudantes afirmam ser importante esse debate, enquanto 7,6% (11) declaram que eventualmente seja de relevância e 4,2% (6) acreditam não ser essencial. Ao serem questionados sobre a oferta pela universidade de serviços que promovam essa discussão e conhecimento, observou-se que 2,8% (4) procuraram esses serviços, 27,8% (40) desconhecem a possibilidade de participar destes meios e 69,4% (100) não buscam por estes serviços e conhecimentos durante a graduação.

Em relação à participação em atividades de educação sexual, 24,1% (32) expressaram que gostariam de participar, 41,4% (55) possivelmente participariam se oferecido e 34,6% (46) não gostariam de participar desta categoria de atividades.

## **DISCUSSÃO**

Ao compreender o papel social que a universidade representa para a sociedade, sendo o epicentro das inovações pedagógicas, científicas e tecnológicas, é imprescindível entender e descrever a posição de destaque do estudante nesse processo, bem como a assimilação da importância de desenvolvê-lo em sua plenitude. Status que será alcançado com os devidos investimentos, dentre eles, a assistência à saúde de qualidade e efetiva às suas necessidades<sup>8</sup>.

No que concerne aos aspectos sociais, outras pesquisas se assemelham ao perfil social dos estudantes universitários participantes deste estudo. Tem-se a população do gênero feminino representando o maior percentual de estudantes matriculados em universidades. Em 1996, este grupo representava 51,4% do ambiente estudantil e em 2018 representava 54,6%, o que caracteriza um aumento sutil, mas significativo de mulheres que buscam novas perspectivas de educação e de inserção no mercado de trabalho. Ao longo das últimas décadas, a população feminina conquistou espaço dentro da universidade e dos setores de ciências da Saúde e Exatas, espaço predominantemente masculino nas décadas anteriores<sup>9,10</sup>. A maioria dos jovens universitários era solteira, semelhante ao que se observa em estudo<sup>11</sup>, onde a população solteira da pesquisa atingia o percentual de 94,1%.

As maiores parcelas dos estudantes analisados pertencem à faixa etária dos 18 aos 22 anos, sendo assim, a preponderância de estudantes em idade típica do ensino superior, dado que conversa com os apresentados na literatura<sup>9,11</sup>. É possível ver também, uma diversidade sociocultural e de grupos considerados “não tradicionais”, frente à significativa parcela de estudantes nas faixas etárias de 43 a 50

anos, fato que se deve às oportunidades de estudo apresentadas na atualidade, que permitem a continuidade do ensino em idades consideradas não usuais.

O ensino superior e o acesso à universidade é excludente e, apesar das políticas públicas de cotas, o acesso da instituição às populações da cor preta/parda, amarelas e indígenas ainda fica aquém do ideal<sup>12</sup>. Pode-se atribuir também as divergências entre o perfil estudado neste estudo, a constituição histórica da população da pesquisa, geograficamente situado na região sul do país. Segundo pesquisas, a população do estado do Paraná é majoritariamente branca (63%), comparativamente a nível Brasil<sup>13</sup>, onde se tem a predominância da população preta/pardos (55,8%).

Ao analisarmos a faixa de renda por classe social, temos que prevalecem os estudantes da classe B, considerando-se que recebem entre três e oito salários mínimos. Comparativamente, em estudos divergentes temos que um<sup>12</sup> apresenta que o maior percentual de estudantes se enquadra na classe C (considera-se de um a três salários mínimos) com 41,5%, enquanto outro<sup>9</sup>, ao analisar somente as instituições federais de ensino superior, aponta que 70,2% dos estudantes são de baixa renda, com renda de até 1,5 salários mínimos per capita, uma vez que o ingresso em uma instituição pública representa uma oportunidade de educação superior com gratuidade e a oportunidade pelo sistema de cotas.

Em um país que está entre os dez países mais desiguais do mundo, compreende-se que a população universitária não é formada pela camada mais pobre da população brasileira, uma vez que esta classe não consegue por vezes dar continuidade aos estudos e se caracteriza majoritariamente como analfabetos funcionais, um dos pontos para o seu não ingresso ao ensino superior. Considera-se, ainda, que o Brasil apresenta a 2ª maior concentração de renda entre mais de 180 países, referente a 28,3% da renda, isto é, quase um terço do total, comparativamente abaixo apenas do Catar, onde 1% da população detém 29% da renda do país<sup>14</sup>.

O ambiente universitário é composto quase que predominantemente por jovens que, com o término da adolescência e ingresso nas universidades, vivenciam

experiências novas que antes eram proibidas ou limitadas pela proximidade familiar. Nos períodos iniciais dos cursos de graduação, há necessidade de buscar amizades, tentar conciliar a nova rotina de compromissos, estudos e responsabilidades, com maior autonomia e liberdade. Ao mesmo tempo em que os jovens vivenciam a universidade, surgem ambientes de descontração e diversão para aliviar as tensões cotidianas. Nesse sentido, inúmeros universitários buscam em festas e eventos a descontração necessária para enfrentar esse turbilhão de acontecimentos, promovendo novas formas de comportamento e de viver as suas vidas<sup>5,15,16</sup>.

Ao analisar as doenças transmissíveis, tem-se que são considerados temas prioritários pela Agência Nacional de Prioridades de Pesquisa em Saúde<sup>17</sup> (ANPPS). Esta o estabelece como sexto eixo-temático para pesquisas científicas e objeto de políticas públicas direcionadas para esta necessidade, o qual tem por objetivo a predição, a prevenção de doenças, a promoção da saúde e a redução drástica do processo de transmissibilidade das ISTs.

Com relação à escolaridade, comparativamente ao presente estudo, ao observar os dados do Boletim Epidemiológico HIV/AIDS 2020, entre o período de 2007 a junho de 2020, verificou-se que, predominantemente, os casos dessa infecção estão com escolaridade ignorada, comprometendo uma melhor avaliação desta variável. Em pesquisa do Ministério da Saúde, os processos de notificação não continham todos os dados registrados e, nos casos com informação, a maior parte possuía ensino médio completo, seguida de ensino fundamental incompleto<sup>18</sup>.

Ainda que o presente estudo aponte um percentual significativo de estudantes que declaram não possuir HIV, essa infecção é um importante problema de saúde pública e deve ser levada em consideração, uma vez que nessa fase da vida, os comportamentos sexuais tendem a ser potencialmente comprometedores. A sífilis por vezes é assintomática, assim mesmo que não existam sinais visíveis, o indivíduo continua transmitindo. É indicado realizar o teste com frequência, uma vez que o tratamento é seguro se seguido conforme orientações médicas.

A hepatite viral usualmente faz referência aos vírus hepatotrópicos A, B, C, D, e E, os quais são considerados os responsáveis por mais de 90% dos eventos de hepatite aguda. A hepatite pelo vírus B (HBV) representa um significativo problema mundial de saúde pública<sup>19</sup>, aproximadamente 350 milhões de indivíduos são portadores crônicos desse agente. Nas regiões de alta prevalência de infecção pelo HBV, a transmissão é comumente vertical (mãe-filho) ou horizontal (entre familiares) nos primeiros anos de vida. Ao considerar este contexto, os adolescentes e jovens são classificados como grupo de risco elevado devido ao início precoce das atividades sexuais e geralmente sem proteção devido a fatores como uso irregular de preservativos, diferentes parceiros, percepção de invulnerabilidade e desconhecimento das formas de transmissão do vírus<sup>20</sup>.

Ao analisarmos os dados acerca da orientação sexual dos estudantes, tem-se que os heterossexuais são a maior parcela da população analisada. Semelhante a outro estudo, pouco mais de 1% optou por não informar sua orientação sexual. As razões por trás dessas variações só podem ser desenvolvidas por meio de pesquisas focadas nesta temática que combinem, preferencialmente, metodologias quantitativas e qualitativas<sup>9</sup>.

De acordo com a OMS, a adolescência refere-se ao período dos 11 aos 19 anos de idade e é possível a defini-la como transição entre a infância e a idade adulta, considerando-a uma sucessão de ritos de passagem, caracterizados pelo afastamento da autoimagem infantil e pela inserção para a vida adulta<sup>21</sup>.

A literatura mostra que, majoritariamente, a iniciação sexual de adolescentes ocorre mais precocemente dentre os indivíduos que se encontram aquém do sistema educacional ou que apresentam baixa escolaridade. População esta que não possui suporte da educação/saúde com um programa de educação sexual consolidado e efetivo. Dessa forma, a iniciação sexual vem ocorrendo entre adolescentes com 13 anos ou menos<sup>21</sup>.

Acerca dos métodos contraceptivos utilizados pelos estudantes, percentual expressivo mantém relações sem a utilização de preservativos. De 2009 a 2019, o

percentual de pessoas entre 13 e 17 anos que usaram preservativo na última relação sexual caiu de 72,5% para 59%. Entre as meninas, a queda foi de 69,1% para 53,5% e, entre os meninos, de 74,1% para 62,8%. Os dados são um recorte de um estudo experimental da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), que apresenta indicadores comparáveis aos de estudantes do 9º ano do ensino fundamental<sup>22</sup>.

Os motivos para o uso inconsistente ou nulo do preservativo nas relações sexuais são diversos. Um estudo realizado em Bostswana traz as seguintes razões para o não uso de proteção: desejo de ter um filho, falta implícita de confiança ou fidelidade, relacionamentos de longo prazo, necessidade de agradar ao parceiro e diminuição do prazer. Têm-se ainda outros determinantes como: falta de conhecimento, menos medo de contrair o HIV e AIDS, pois agora possui terapia medicamentosa, influência da tradição, excesso de álcool e drogas, pressão dos pares, questões de poder e gênero e a recusa do parceiro<sup>22,23</sup>.

Quanto aos métodos para evitar ISTs e gravidez, percebe-se que a proporção aumenta, indicando que a população possui conhecimento de que o preservativo é importante para a prevenção destas infecções e desdobramentos, porém, como visto anteriormente, uma parcela da mesma não utiliza deste método. Com relação aos demais métodos utilizados pelos estudantes, tem-se uma clara predominância de métodos para o público feminino, com o uso de anticoncepcional e DIU. Uma vez que, no Brasil os métodos contraceptivos masculinos são o preservativo masculino e a vasectomia, tem-se uma baixa adesão desse público no que se refere aos métodos preventivos de ISTs e gravidez<sup>24</sup>.

A discussão sobre a temática é imprescindível para a prevenção das doenças transmissíveis no ambiente universitário, principalmente as ISTs. As atividades promotoras de educação em saúde devem ser ofertadas desde o momento em que os estudantes ingressam na universidade, construindo, assim, um maior vínculo com as atividades e projetos promotoras de saúde.

As práticas necessitam alcançar não apenas os estudantes que iniciaram as atividades sexuais ou vida reprodutiva, mas aqueles que ainda não as iniciaram,

fortalecendo nos estudantes o uso do preservativo e a sua combinação com outros métodos contraceptivos<sup>24,25</sup>. Há de se ter investimento na educação pelos pares, possibilitar o desenvolvimento de competências pessoais e sociais como autoeficácia, comunicação assertiva, negociação do preservativo e que coordene a prática do sexo seguro com um comportamento de responsabilidade pessoal e social que se impõe por questões de saúde pública<sup>25</sup>.

Evidencia-se que o presente estudo deve ser visto sob a ótica de sua relevância ao meio acadêmico, uma vez que apresenta diferentes perspectivas e saberes acerca da saúde do estudante universitário.

Dentre as limitações encontradas no decorrer da pesquisa, destaca-se o tamanho amostral. Inicialmente, para o cálculo amostral foi considerado o total de estudantes dos setores de Ciências Exatas e de Saúde da universidade. Porém com o advento da pandemia de COVID-19, surgiu, também, a dificuldade de sensibilização dos estudantes em resposta ao questionário, mesmo com a intensa divulgação nos meios sociais.

## **CONCLUSÃO**

A partir da exposição dos principais achados, considera-se que o estudo atendeu, ainda que parcialmente, ao objetivo proposto, com resultados importantes sobre o perfil de saúde sexual e de infecções sexualmente transmissíveis na população estudada.

As análises apresentadas permitem afirmar que é necessário explorar e aprofundar a discussão sobre as doenças transmissíveis no ambiente universitário. Destaca-se a relevância da prevenção combinada no contexto universitário visto que as ações buscam atender às necessidades e contextos individuais de grupos específicos, de modo a evitar novas infecções pelo HIV, sífilis, hepatites virais e outras infecções transmissíveis. Essa estratégia de prevenção pode ser mais eficaz quando adotada com base nas características específicas do momento de vida dos

universitários. As recomendações da prevenção combinada incluem o uso dos preservativos masculino e feminino, profilaxias contra o HIV, a prevenção da transmissão vertical, a testagem regular, diagnóstico e tratamento precoce das infecções, além da imunização para HPV e hepatite B.

Sugere-se a realização de outras pesquisas em distintos espaços universitários, ambientes e estratégias de prevenção combinada para esse grupo populacional. Especial destaque para pesquisas que explorem a participação dos estudantes nesse processo e os impactos da instituição nas oportunidades de sua participação na centralidade do cuidado.

## REFERÊNCIAS

1. Organização Mundial da Saúde. A cada dia, há 1 milhão de novos casos de infecções sexualmente transmissíveis curáveis. [Internet] 2019 [acesso em 2022 jan 9] Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/6-6-2019-cada-dia-ha-1-milhao-novos-casos-infeccoes-sexualmente-transmissiveis-curaveis>
2. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. PNS 2019: em um ano, 29,1 milhões de pessoas de 18 anos ou mais sofreram violência psicológica, física ou sexual no Brasil. Estatísticas sociais. [internet] 2021 [acesso em 2022 jan 9] Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30660-pns-2019-em-um-ano-29-1-milhoes-de-pessoas-de-18-anos-ou-mais-sofreram-violencia-psicologica-fisica-ou-sexual-no-brasil>
3. Gouveia GPM, Alves LR, Oliveira LSB, Pereira SBVB. Prevalência de infecções sexualmente transmissíveis em universitários de uma instituição pública de Parnaíba. Res., Soc. Dev. [internet] 2021 [acesso em 2022 jan 10] vol. 10 n.8. doi: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i8.17310>
4. Fonte VRF, Spindola T, Francisco MTR, Sodré CP, André NLNO, Pinheiro CDP. Jovens universitários e o conhecimento acerca das infec es sexualmente transmissíveis. Esc. Anna Nery. [internet] 2018 [acesso em 2021 jun 15] v. 22 n. 2, Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452018000200208&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452018000200208&lng=en&nrm=iso)
5. Wharf Higgins SJ, Lauzon LL, Yew AC, Bratseth CD, McLeod N. Wellness 101: Health education for the university student. Health Educ. [internet]. 2010 [acesso em 2021 out 20] vol. 110 n.4 doi: <https://doi.org/10.1108/09654281011052655>
6. Xiangyang T, Lan Z, Xueping M, Tao Z, Yuzhen S, Jagusztyn M. Beijing health promoting universities: practice and evaluation. Health Prom. Inter. [internet] 2003 [acesso em 2021 out 20] vol. 18. doi: <https://doi.org/10.1093/heapro/18.2.107>

7. Malta M, Cardoso LO, Bastos FI, Magnanini MMF, Silva CMFP. STROBE initiative: guidelines on reporting observational studies. Rev. Saúde Pública. 2010; 44(3):559-65
8. Ferreira FMPB, Brito IS, Santos MR. Programas de promoção da saúde no ensino superior: revisão integrativa de licenciatura. Rev. Bras. Enfer. [internet] 2018. [acesso em 2021 out 29] Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/hHwQyZcyKmQ5yNj65kVymJS/?lang=pt>
9. Andires. Plano Nacional de Assistência Estudantil. [internet] 2008 [acesso em 2021 out 30] Disponível em: [https://www.andifes.org.br/wp-content/files/flutter/Biblioteca\\_071\\_Plano\\_Nacional\\_de\\_Assistencia\\_Estudantil\\_da\\_Andifes\\_completo.pdf](https://www.andifes.org.br/wp-content/files/flutter/Biblioteca_071_Plano_Nacional_de_Assistencia_Estudantil_da_Andifes_completo.pdf)
10. Guedes MC. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino. Hist. cienc. saude RJ [internet] 2008 [acesso em 2021 out 28] v.15. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702008000500006>
11. Fonseca RS, Escola J, Carvalho A, Loureiro A. O perfil sociodemográfico dos estudantes universitários: estudo descritivo-relacional entre uma universidade portuguesa e brasileira. Educ. foco RJ [internet] 2019 [acesso em 2021 out 29] v. 24, n. 1. doi: <https://doi.org/10.34019/2447-5246.2019.v23.26040>
12. Instituto Semesp. Mapa do Ensino Superior no Brasil. Triênio 2017-2020 10ª ed.
13. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Desigualdades Sociais por cor ou raça no Brasil. [internet] 2018 [acesso em 2021 ago 30] Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21039-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca-no-brasil.html>
14. Agência Senado. Recordista em desigualdade, o país estuda alternativas para ajudar os mais pobres. [internet] 2021 [acesso em 2021 ago 30] Disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/03/recordista-em-desigualdade-pais-estuda-alternativas-para-ajudar-os-mais-pobres>
15. Gomes VLO, Amarijo CL, Baumgarten LZ, Arejano CB, Fonseca AD, Tomaschewski-Barlem JG. Vulnerability of nursing and medicine students by ingestion of alcoholic drinks. JNUOL. [internet] 2013 [acesso em 2021 out 29] v. 7, n. 1. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/10213/0>
16. Borges MR, Silveira RE, Santos AS, Lippi UG. Sexual behaviour among initial academic students. J Res Fundam Care Online [Internet]. 2015 [acesso em 2021 out 29] v. 7, n. 2 doi: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.2015.v7i2.2505-2515>
17. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Agenda de Prioridades de Pesquisa do Ministério da Saúde - APPMS [recurso eletrônico]. Brasília : Ministério da Saúde, 2018.
18. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico - HIV/AIDS 2020. Número Especial. Out. 2020

- 19.Ferreira AR, Fagundes EDT, Queiroz TCN, Pimenta JR, Nascimento Júnior RC. Viral hepatitis A, B and C in children and adolescents. Rev Med Minas Gerais [acesso em 2021 out 29] 2014; 24 (Supl 2): S46-S60
- 20.Santos JMJ, Santos LA, Oliveira FM. Vulnerabilidade à Hepatite B entre adolescentes jovens da rede pública de ensino. Rev. bras. ciênc. saúde. [internet] 2018. [acesso em 2022 jan 9] vol. 22 n.3 doi: <https://doi.org/10.4034/RBCS.2018.22.03.05>
- 21.Spinola MCR. Fatores associados à iniciação sexual precoce de adolescentes em Santarém-PA. [internet] 2020 Sanare [acesso em 2021 out 25] vol.19(1) doi: <https://doi.org/10.36925/sanare.v19i1.1385>
- 22.Bertoli RS, Scheidmantel CE, De-Carvalho NS. College students and HIV infection: A study of sexual behavior and vulnerabilities. [internet] 2016 DST - J. bras. Doenças Sex. Transm. [acesso em 2021 out 31] vol.28(3) doi: <https://doi.org/10.5533/DST-2177-8264-201628305>
- 23.Moreira AS, Alves JSS, Melo GC, Paixão JTS, Carnaúba MCS. Fatores associados ao não uso de preservativo por adolescentes brasileiros: uma revisão sistemática. Res., Soc. Dev. [internet] 2022 [acesso em 2022 jan 10] vol. 11 n.5. doi: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i5.28450>
- 24.Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva : os homens como sujeitos de cuidado. Brasília : Ministério da Saúde, 2018.
- 25.Santos MJO, Ferreira MMC, Ferreira EMS. Sexual and reproductive health risk behaviours: higher education students' perceptions. Rev Bras Enferm. [internet] 2022 [acesso em 2022 ago 07] vol.75 n.6 doi: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0712pt>

RECEBIDO: 09/09/2022

ACEITO: 06/03/2023